

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANA PAULA TEIXEIRA

**ENTRE LINHAS, FIOS E AGULHAS: UM
ESTUDO DE CASO SOBRE AS RELAÇÕES SOCIAIS E DE MERCADO DE
TRABALHO DO MICRO POLO DE COSTURA DE ERVÁLIA**

Viçosa-MG

2023

ANA PAULA TEIXEIRA

**ENTRE LINHAS, FIOS E AGULHAS: UM
ESTUDO DE CASO SOBRE AS RELAÇÕES SOCIAIS E DE MERCADO DE
TRABALHO DO MICRO POLO DE COSTURA DE ERVÁLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa.

Orientador: Luciano Rodrigues Costa.

Aprovado em: 11 de maio de 2023.

Banca Examinadora

Dr. Luciano Rodrigues Costa - UFV

Dr. Arthur Meucci - UFV

Dr. Marcelo Ottoni Durante - UFV

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos ensinamentos direcionados a mim, pelo professor Arthur Meucci, durante todo o meu percurso de graduação. Obrigada pelas leituras, conselhos e diálogos.

Ao meu estimado orientador Luciano, que mesmo com todas as dificuldades encontradas durante a pesquisa nunca desistiu. Obrigada por me apresentar o meu potencial, por acreditar, pelos sábios conselhos e por toda afetividade a mim destinado.

Aos trabalhadores técnicos do Departamento de Ciências Sociais, Marcelo Lino, Rafael, Mateus e Tiãozinho por todo carinho, atenção e gentileza. Obrigada por todas as risadas e conversas que já tivemos.

Ao meu pai Paulo, a sua companheira Lili e a minha mãe Neide, por me oferecerem suporte financeiro e emocional para que eu fosse capaz de me graduar. Lili e pai, obrigada pela ajuda durante a pesquisa de campo. Mãe, obrigada pelas preocupações e alegrias que tivemos durante a pesquisa.

Aos meus irmãos Diany, Davi e Regiane, por compartilharem a vida comigo e me auxiliarem nas adversidades constantes e entenderem a importância dessa pesquisa. A minha tia Cleusa, por ser fonte de inspiração, incentivo constante e companheirismo.

As costureiras que participaram de algum modo desta pesquisa, seja me permitido conhecer suas histórias de trabalho ou seja pelo contato oriundo das confecções estudadas. Obrigada por me deixarem pesquisar vocês e por toda gentileza a mim destinada!

Ao meu estimado orientador,
Luciano Rodrigues Costa.

RESUMO

A pesquisa teve como finalidade compreender as relações sociais de mercado de trabalho desenvolvidas no micro polo de costura da cidade de Ervália –MG, no período de agosto de 2021 a julho de 2022, a partir do contato com trabalhadoras de costura sejam elas formais, informais ou terceirizadas. Utilizou-se os métodos observação dentro duas fábricas de costura da cidade de Ervália-MG e entrevistas semiestruturadas com costureiras em espaços escolhidos por elas. Objetivou-se analisar como são estabelecidos os contratos profissionais e as relações de trabalho dessas costureiras. O município de Ervália foi escolhido porque apesar destas fábricas serem um fenômeno social, em constante movimento, no mundo do trabalho, bem como alterarem as relações sociais, de trabalho e econômica da cidade, não se tem pesquisas que procurem compreender o setor de costura, para além de não analisarem o impacto gerado nesse movimento que também atingem outras regiões do Brasil. O marco teórico utilizado são pesquisas que tem como objetivo estudar confecção e seus movimentos no mundo do trabalho. A pesquisa demonstrou ampla utilização do trabalho informal nas confecções e do trabalho subcontratado à domicílio. Observou-se que a utilização desses tipos de trabalhos visa diminuir os custos da produção e maximizar os ganhos.

Palavras-chave: Trabalho. Mercado. Relações Sociais. Costura. Novas configurações de trabalho

ABSTRACT

The research aimed to understand the social relations of the labor market developed in the micro sewing pole of the city of Ervália - MG, in the period from August 2021 to July 2022, from the contact with sewing workers, whether formal, informal or outsourced. The methods used were observation within two sewing factories in the city of Ervália-MG and semi-structured interviews with seamstresses in spaces chosen by them. The objective was to analyze how professional contracts and the working relationships of these seamstresses are established. The municipality of Ervália was chosen because although these factories are a social phenomenon, in constant movement, in the world of work, as well as altering the social, labor and economic relations of the city, there is no research that seeks to understand the sewing sector, in addition to not analyzing the impact generated in this movement that also affect other regions of Brazil. The theoretical framework used is research that aims to study clothing and its movements in the world of work. The research demonstrated the widespread use of informal work in clothing and subcontracted work at home. It was observed that the use of these types of work aims to reduce production costs and maximize earnings.

Keywords: Labor. Market. Social relations. Sewing. New work configurations

LISTA DE ABREVIACÕES

- ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil
- CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
- CBO - Classificação Brasileira das Ocupações
- CRAS - Centro de Referência em Assistência Social
- CLT – Consolidações das Leis Trabalhistas
- CEP - Comitê de Ética e Pesquisa
- OIT - Organização Internacional do Trabalho
- OMS- Organização Mundial da Saúde
- MEI- Microempreendedor Individual
- PME - Prefeitura Municipal de Ervália
- PDET - Programa de Disseminação das Estatística do Trabalho
- TCLE - Termo de Consentimento de Livre e Esclarecimento

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01 - Imagem do espaço produtivo fabril..... | 27 |
| Figura 02 - Trabalhadora cortando bandeira | 28 |
| Figura 03 - Trabalhadora costurando viés com elástico no biquíni..... | 29 |
| Figura 04 - Adidas, tecido branco, costurado no viés, tecido colorido..... | 29 |
| Figura 05- Peça de rolô | 30 |
| Figura 06 - Valor de facção pago a Luísa | 43 |
| Figura 07 - Espaço de trabalho de Luísa | 43 |
| Figura 08 - Espaço de costura de Isis | 45 |
| Figura 09 - Oficina de costura de Daniela..... | 48 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 01 - Categorização do trabalho de costura – CBO..... | 14 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| A PESQUISA | 12 |
| MÉTODOLOGIA | 14 |
| O PERCURSO DA COSTURA NO BRASIL E ERVÁLIA | 17 |
| CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS | 24 |
| MAR E SOL: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA PRIMEIRA CONFECÇÃO | 25 |
| ÁGUA DE SAL: SEGUNDA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA CONFECÇÃO | 32 |
| AS ENTREVISTAS | 39 |
| AS FACÇÕES..... | 41 |
| TRABALHADORAS INFORMAIS..... | 47 |
| CONCLUSÃO | 47 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |
| APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO..... | 51 |
| APÊNDICE II – PERGUNTAS DE PESQUISA..... | 52 |

INTRODUÇÃO

O trabalho é um fenômeno que molda e estrutura socialmente todos os tipos de sociedades alterando apenas seus modos de produção a partir da cultura em que está inserido. Nos países da América-Latina, a atividade produtiva vem se modificando nos últimos tempos e se tornou alvo de constantes estudos devido às grandes complexidades que se envolvem. É nesse contexto de transformações que esta pesquisa está inserida, buscamos aqui compreender como se estruturam o mercado e as relações sociais de trabalho no micro polo de costura de Ervália-MG.

Ervália é uma cidade localizada na Zona da Mata Mineira, que segundo nossa pesquisa de campo¹, possui 23 confecções de produtos oriundos da costura, das quais 18 trabalham com biquínis, 4 com artigos fitness ou material esportivo e 01 na modalidade *private label*. Tais fábricas se tornaram em concomitância com a colheita anual de café, principal fonte de renda de sua população. Essas fábricas surgiram a partir da década de 1980, com a região tendo tradicionalmente, até então, a agricultura como atividade principal. Atualmente, a cidade constitui um pequeno polo regional de confecções, tendo mulheres como principal mão de obra na atividade de costura.

Em uma tentativa inicial de mapear a quantidade de trabalhadores formais inseridas nesta atividade, acessei o site do Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho² - PDET³- consultei os dados disponíveis ao público sobre este setor na cidade. Apesar de Ervália possuir este pequeno polo regional de costura de biquínis, segundo o site existem 300 trabalhadoras empregadas neste ramo. Dada a informalidade característica deste setor, infelizmente não é possível realizar um levantamento numérico da quantidade de trabalhadores envolvidas com confecção.

As relações de gênero no setor de costura não se modificaram muito desde a primeira pesquisa sobre trabalho em confecção, realizada por Abreu (1986). É importante considerar que em âmbito mundial a indústria de costura passou por um conjunto de transformações com o surgimento de novas características laborais em países de periferia do capitalismo, como o Brasil (CASTRE; COE; WARD, 2004; ROSS, 2004). Dentro disso Leite (2017), também demonstras em seus estudos sobre as confecções que o

¹ A lista de fábrica disponível na Prefeitura Municipal de Ervália - PME - não corresponde ao número de confecções, pois a atualização depende dos proprietários da empresa. Além de checar cada endereço fornecido pela PME, a pesquisa utilizou outras fontes como fonte de localização dessas fábricas.

² Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/>. Acesso em 13 janeiro 2023.

³ Agradeço ao professor Leonardo Barros Soares por me apresentar o site e ao professor Marcelo Ottoni Durante por meu auxiliar tabelar os dados do site, devido as grandes dificuldades que o site apresenta.

cenário de trabalho em confecção ainda é composto por trabalhadoras mulheres. Durante toda a pesquisa só foi possível observar dois trabalhadores masculino de costura, o que se mostra diferente quando observamos o setor administrativos das confecções. Estes setores, são compostos majoritariamente por trabalhadores masculinos, entretanto não são focos desta pesquisa.

Concebemos estas costureiras como sujeitos que estão envolvidas no processo produtivo e, portanto, no trabalho. Segundo Vatin (2022), a definição de trabalho é descrita como “atividade de vocação produtiva”. O trabalho não é, em si, um valor. A atividade de trabalho possui valor porque é considerada produtiva. (VATIN, 2022). Para este autor a interação do homem com a natureza, como descrito por Marx, sempre existiu em todos os tipos de sociedade e a transformação das diferentes modalidades de atividade produtiva não é desagregada das formas de organização social, para além de o trabalho ser uma atividade forçada. Uma atividade forçada, no sentido de ser interiorizada por si próprio e não pela sociedade. Segundo o autor: “Para que haja trabalho deve haver uma lacuna, uma distância, especialmente temporal entre a atividade e seu resultado produtivo, entre esforço e a satisfação do esforço. O corpo e a mente são tensionados em direção à realização e um objetivo.” (Pág. 20)

A PESQUISA

As primeiras aproximações com o campo de pesquisa começaram no final de 2019. No entanto no início de 2020, o mundo foi assolado com a pandemia do COVID-19, impedindo a continuidade. O retorno ao campo da pesquisa só foi possível em julho de 2021, com a pandemia ainda ocorrendo. Nos interessava observar duas confecções de biquínis durante um período de tempo. O acesso as confecções se mostrou inacessível até o intermédio de uma personagem central que chamaremos de Maria. Solicitamos o acesso as fábricas em julho de 2021 e conseguimos o acesso em novembro a partir de Maria.

O envolvimento de Maria com o processo de trabalho de costura tem início em meados dos anos 80 quando ela e a irmã abrem uma confecção em sociedade com uma costureira advinda da cidade do Rio de Janeiro que trabalhava na fabricação de roupas íntimas. Apesar do relativo sucesso da sociedade, apenas Maria e a irmã seguem sócias e a trabalhadora deixa a sociedade.

Diante do aprendizado e da experiência com a fabricação de biquínis, obtida na sua própria confecção, Maria foi contratada por uma confecção de roupas infantis da cidade para, nas palavras de Abreu (1986) idealizar e fazer modelagem dos primeiros biquínis,

em uma troca de produto fabricado. Tal fato, segundo Maria, consolida sua aproximação com as relações de produção da costura de biquínis. Nos anos 2000, sua irmã morre e ela precisa fechar sua confecção para cuidar da mãe doente e com idade avançada.

Na mesma época ela se elege vereadora, seu irmão se elege prefeito, e ao fechar sua confecção é contratada pelo, então vice-prefeito, para realizar uma consultoria e abrir uma confecção de biquínis. O tipo de trabalho prestado nesta consultoria envolveu encontrar fornecedores de todos os materiais necessários para produção, contratação de mão de obra humana, para executar todas as etapas necessárias à produção, vendas e um período de trabalho na confecção ensinando o que fosse necessário à produção.

Após esta consultoria, Maria realizou o mesmo tipo de trabalho para outros empresários da cidade. Cerca de 8 fábricas foram abertas por ela, que além dessa consultoria, presta outro serviço, o de idealização e modelagem para diversas fábricas na cidade.

Ainda em meio aos acontecimentos supracitados, Maria criou uma oficina de corte e costura no CRAS-Centro de Referência em Assistência Social-Ervália, em 2005. Ela emprestou para a prefeitura da cidade as máquinas de costuras remanescentes da fábrica que ela havia fechado, selecionou uma ex-trabalhadora, também da sua antiga fábrica, para ministrar junto com ela as primeiras oficinas de corte e costura. A primeira oficina contou com 17 mulheres, que ao final do curso foram empregadas na confecção do até então vice-prefeito, que Maria estava trabalhando. Desde então, estas oficinas não pararam, assim como seu trabalho de consultora de Maria.

Recentemente com o aumento de demandas das confecções por trabalhadoras de costura qualificada, Maria, vereadora eleita seis vezes, criou um curso em parceria com os empresários, donos da indústria de confecção. Esse novo curso perdeu a característica de oficina, ganhando uma carga horária maior e passou ensinar aos estudantes de costura o trabalho em um número maior de máquinas. Uma das reclamações mais constantes sobre a oficina de corte e costura é que esta oficina não ensina o suficiente para que uma trabalhadora não dê prejuízo a confecção durante o processo produtivo.

Além da observação da rotina de trabalho dentro de duas confecções de biquínis, realizamos entrevistas semiestruturadas com o método bola de neve (Taylor & Bogdan 1992). As perguntas das entrevistas foram formuladas guiadas por quatro pontos de interesse que visaram responder os objetivos específicos: como acontece a compra e venda de trabalho dentro do setor de confecção, quais trabalhos a entrevistada já tinha feito, como é sua rotina de trabalho e como ficou durante a pandemia do COVID-19.

Os objetivos específicos do trabalho foram: situar as relações sociais e de mercado do trabalho no micro polo da cidade de Ervália dentro do debate nacional acerca da Sociologia do Trabalho; compreender como são constituídos os contratos de trabalho formal, informal, terceirizado, flexíveis; analisar qual é o papel das fabricas/confecções dentro da atividade produtiva dentro da cadeia produtiva de biquínis no mercado de trabalho e nas relações sociais e os impactos gerados pelo COVID-19

A pesquisa se justificou porque apesar do fenômeno social das confecções alterarem as relações sociais de trabalho e econômica da cidade, não se tem pesquisas que procurem compreendê-los, além de não analisarem o impacto gerado nesse movimento que também atingem outras regiões do Brasil. O setor de confecção é amplamente estudado, no entanto o caso de Ervália ainda não se tinha qualquer tipo de estudo nessa temática.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos: no primeiro, a introdução procuro situar o problema de pesquisa, contextualizar o campo estudado, mostrar brevemente os métodos utilizados, descrever os objetivos específicos, justificar a pesquisa e a metodologia. No segundo capítulo, busco desenvolver o como foi construído o contexto histórico do setor de costura no Brasil e como são as configurações de trabalho da indústria de confecção é em Ervália. O terceiro capítulo mostra como acontecem os processos de trabalho em duas confecções do micro polo, as construções de narrativas diferentes dentro de cada uma delas. Também, traz um pouco de como é o cotidiano de trabalho de costureiras fabris e suas perspectivas enquanto trabalhadoras. O quarto capítulo retrata as entrevistas feitas com costureiras subcontratadas à domicílio, suas categorias de trabalho e suas trajetórias.

METODOLOGIA

O objeto de pesquisa foi constituído por costureiras que trabalham nos espaços físicos das fábricas de biquíni de Ervália e costureiras que utilizam suas casas ou outros espaços pessoais para realização de suas atividades produtivas em diversas localidades do município de Ervália a ao arredor.

Dentro disso, foi utilizado dois métodos: observação que é baseado na observação atenta de grupos de trabalho *in lócus*, tendo como produto uma etnografia e entrevistas semiestruturada com trabalhadoras de costuras que transformação suas casas em pequenas oficinas improvisadas para costurarem na modalidade de facção, capítulo 04.

Toda pesquisa que envolve seres humanos deve ser submetida ao comitê de ética para que aspectos éticos sejam respeitados durante o trabalho de campo. Dentro disso, submetemos o projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa-CEP- da Universidade Federal de Viçosa, obtendo aprovação e número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE - 56011921.60000.5153. O processo de aprovação do Comitê de Ética ocorreu em torno de 60 dias, após ser submetido.

Obtivemos autorização para realizar a pesquisa de campo em duas confecções de Ervália, que substituiremos os nomes verdadeiros em respeito às resoluções vigentes éticas. A observação participante ocorreu durante um mês em casa confecção de biquíni e esse método foi escolhido por conseguir atingir a maior quantidade possível de indivíduos inseridos na atividade produtiva do micro polo. Etnografia significa “arte e a ciência de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças (2009) ” apoiado por teorias científicas. A observação aconteceu nos dias e horários escolhidos pelos observados para garantir seu conforto e confiança, respeitando as normas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde – OMS em razão da pandemia do Covid-19.

As entrevistas semiestruturadas consistiram em um questionário aberto contendo 22 perguntas que se encontra no apêndice I deste trabalho, sendo realizadas 10 entrevistas com trabalhadoras de costura em seus domicílios domicílio, através de uma rede de indicações no método bola de neve (Taylor & Bogdan 1992). A primeira entrevistada foi convidada a participar da pesquisa por indicação de uma trabalhadora da confecção. A primeira entrevistada indicou a segunda entrevistada, a segunda, indicou a terceira e assim suscetivelmente. As perguntas foram elaboradas visando responder como se estrutura o mercado de trabalho desse pequeno polo e como as relações sociais se estabelecem no a partir da indústria têxtil.

As entrevistas aconteceram em local por elas determinados na data e hora agendada, sendo o Termo de Consentimento de Livre e Esclarecimento- TCLE - que se encontra no apêndice II, apresentado previamente, tendo seus diálogos gravados e transcritos para análise.

A maior dificuldade da construção desta pesquisa foi o acesso e permanência as duas confecções estudadas. Na primeira confecção estudada obtive, por parte de algumas trabalhadoras resistência, mas que logo foram superadas através da convivência cotidiana. Na segunda confecção estudada, assim como todas as trabalhadoras, peguei Covid na confecção, mas que logo passou.

As entrevistas aconteceram após as observações participantes e o grupo de entrevistados foi o mais heterogêneo possível, buscando compreender as variedades e peculiaridades do micro polo. A princípio seriam 25 entrevistas, mas com 10 conseguimos alcançar os resultados necessários ao rigor científico devido a saturação das respostas. As entrevistas aconteceram com rapidez e as entrevistadas ofertam mais material de análise do que a pesquisa proponha.

O PERCURSO DA COSTURA NO BRASIL E EM ERVÁLIA

A história da costura no Brasil inicia-se no período de colonização e, segundo Joffily (1999) a única produção existente tratava-se de tecidos grossos de algodão feito em teares para utilização dos negros escravizados. A colônia brasileira, naquele momento, até tentou produzir tecidos mais refinados, entretanto D. Maria I emitiu um alvará que mandou destruir os teares, pois sendo Portugal a metrópole a colônia deveria comprar todos esses artigos dele, suprindo assim as necessidades do país colonizado. A própria metrópole não possuía produções próprias na indústria têxtil e nem confecção de qualquer vestuário. Desse modo, quando família real portuguesa desembarca no Brasil, em 1808, traz consigo a moda francesa, pois a França se constituía a referência da moda mundial.

Um pouco mais adiante, no período colonial, Bordin (2019) nos traz que a miscigenação resultou em diferenças entre o fenótipo dos escravizados, denominados como negros e mulatos. Os mulatos obtiam alguns privilégios em relação aos negros, sendo as mulatas de acordo com Maleronka (2007) as responsáveis por realizar os trabalhos de costura e bordado dentro da casa-grande, enquanto as negras recebiam trabalhos mais pesados como os do campo e de rua. Mesmo que advindo de um trabalho escravizado, a costura era considerada uma atividade feminina.

Com o término do Império e abolição da escravidão, embora desabrochassem políticas de trabalho compulsório e troca da mão de obra entre os escravizados pelos estrangeiros, surgiu um movimento que buscava “educar os recém-libertos para os trabalhos para transformá-los na força de trabalho livre e qualificada, disposta à exploração capitalista, tendo interiorizado as disciplinas e as motivações necessárias ao trabalho fabril (BORDIM, 2019). Dentro disso:

A instrução primária era considerada uma qualificação importante para o operariado, e constava no currículo do ensino de 1º grau matérias destinadas à formação de força de trabalho, como por exemplo, “costura simples” (CUNHA, 2005 apud BOURDIM, 2019)

Segundo Maleronka (1997), no século XIX as alternativas de trabalho e, portanto, de sobrevivência, eram limitadas para as mulheres, além de sofrerem com restrições impostas a elas à prática de outros ofícios. A partir disso, a costura se tornou uma opção viável para o acesso ao mercado de trabalho das mulheres, já que essa atividade era vista

como parte das obrigações cotidianas femininas. Nesse contexto social, era de suma importância, que a costura fosse ensinada desde sendo as meninas, pois eram as mulheres quem praticamente fabricavam as roupas da casa já que comprar roupas prontas eram inacessíveis para a maior parte da população.

Ao final do século XIX, as primeiras fábricas de roupas se instalaram na cidade de São Paulo, produzindo roupas de uso cotidianos e uniformes, deixando as costureiras duas opções: ofertar seus serviços como autônoma ou “oferecer sua força corporal e habilidades, tornando-se trabalhadoras assalariadas (poderiam trabalhar em suas residências, mas os comerciantes lhes davam a matéria prima e pagavam por peças. ” (BORDIM, 2019).

Apesar da costura ser uma atividade inerente a mulheres de classe baixa haviam outras duas categorias para ofício de costura: os alfaiates, divisão de trabalho composto exclusivamente por trabalhadores masculinos que vestiam homens e mulheres de alta sociedade e as modistas consideradas versão feminina dos alfaiates. Segundo Maleronka (2007), as modistas eram conhecidas pelo bom gosto e pelo vasto conhecimento na confecção de vestuário, fabricando ao lado do alfaiate roupas de festas ou ocasiões importantes socialmente.

Os alfaiates e as modistas vão adquirindo prestígio social e renome enquanto a extrema pobreza assola as costureiras comuns ocasionando a falta de recurso para compra de máquinas e fazendo com que estas se alistem como trabalhadoras de costura nas fábricas de roupa da cidade. Segundo Maleronka (2007), as primeiras fábricas de vestuário de São Paulo surgem em 1870 e fabricavam apenas uniformes e roupas de uso mais populares.

A cidade de São Paulo, como demonstra o estudo de Abreu (1986), é considerada o berço da indústria fabril do Brasil e, portanto, tem alta relevância para este estudo. No início do Século XX, criou-se no bairro Brás de São Paulo um instituto profissional feminino que visava preparar as filhas de trabalhadores operários que ali residiam para as indústrias locais. Segundo Maleronka (2007), haviam outras formações femininas, mas a mais indicada era que envolvia o setor de confecção têxtil porque a costura ofertava a trabalhadoras a *conciliação das tarefas domiciliares e a obtenção de rendimentos*, porém sempre salientando a precariedade.

Ao longo do século XX, apesar da crescente evolução da industrialização, a costureira continua não tendo nenhum reconhecimento social ou prestígio. Prova disto é que atualmente a profissão de costureira ainda não é regulamentada institucionalmente e

a aguarda a tramitação do Projeto de Lei 7.806/2014⁴, criado em 2014, que visa tratar de temas relativos ao piso salarial nacional, jornada de trabalho, entre outros. A última tramitação ocorreu em 10/04/2019. Apesar da ausência de regulamentação, a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO- categoriza esta profissão, como podemos ver no quadro 01. A CBO é um documento que representa a realidade do mercado de trabalho brasileiro, tendo o reconhecimento no sentido classificatório, mas não regulatório.

Quadro 01 - Categorização do trabalho de costura - CBO

| NOME DO OFÍCIO E CÓDIGO ATRIBUÍDO | DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EXERCIDA |
|--|--|
| Auxiliar de costura no acabamento (7633-10) | Organizam o local de trabalho, preparam máquinas de costura e de bordar para acabamento de roupas. Preparam peças para costura, e bordado, de acordo com os gabaritos. Costuram acessórios e bordam peças confeccionadas. Controlam a qualidade da costura e dos acabamentos de peças do vestuário. |
| Costureira em geral (7631-10), de máquina overloque (7631-15), máquina reta (7631-15), de máquinas industriais (7631-15) | Organizam o local de trabalho, preparam máquinas e amostra de costura, operam máquina de costura na montagem em série de peças do vestuário em conformidade a normas e procedimentos técnicos de qualidade, segurança, meio ambiente e saúde. |
| Costureiras de peças sob encomenda (7630-15): | Projetam e modelam confecções de roupas sob encomenda; confeccionam peças-piloto; preparam peças e costuram roupas em tecidos, couro e pele; preparam produtos para armazenagem e expedição, incluindo atividades de passadoria, embalagem e controle de estoque; realizam manutenção produtiva. Atuam em todas as etapas da confecção de roupas sob medida, desde o desenho do modelo até sua exposição |

Fonte: elaboração da autora

Dentro disso, a estrutura do mercado e as relações de trabalho do micro polo de costura da cidade de Ervália-MG, está engendrada a um movimento global de profundas transformações chamado reestruturação produtiva. Esse movimento constituiu-se um

⁴ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=620217>. Acesso em 13 janeiro 2023.

processo de reorganização das funções das empresas e do Estado nas relações de compra e venda da força de trabalho, de acordo com cada contexto cultural que o trabalhador está inserido.

No contexto brasileiro, antes deste movimento denominado reestruturação produtiva, já existiam um conjunto marcas nacionais que separavam os processos fabris em dois: concepção e execução. Entretanto, com a reestruturação produtiva, houve o esvaziamento das grandes confecções e multiplicação de trabalhos de costura realizados em domicílios. As trabalhadoras passam a transformar suas casas em pequenas oficinas de costura e “multiplicam intensamente o trabalho realizado em oficinas e domicílios, em péssimas condições de salubridade e remuneração, expandido a precariedade na cadeia produtiva.” (LEITE, SILVA e GUIMARÃES. 2017).

Dentro deste processo de reorganização da produção, que se mostrou um amplo encadeamento de terceirização, o que nos interessa é o surgimento de duas novas configurações de trabalho: informalidade e terceirização. As classificações adotadas até então, até a reestruturação produtiva, eram formais e informais: formal aqueles trabalhadores que possuíam contrato de trabalho e informal aqueles não possuíam e eram vistos socialmente como precarizados.

Precarização, segundo Castel, é um conceito que vem da sociedade salarial compreendida como a sociedade que foi construída na França e na maior parte dos países europeus ainda com suas particularidades no período pós-guerra. O trabalho deixa de ser apenas uma atividade produtiva associada a um salário para se tornar uma atividade que adquire um conjunto de direitos associados a ele como pagamento por hora-extra, jornada máxima, licenças remuneradas e pagamentos por exposição a perigos. A partir disso, a precarização, um conceito advindo da Europa e um período recente, é associado ao afastamento ou a ausência desses direitos, ou seja, um afastamento do contrato de trabalho institucional do que cada país considera como normal e institucional.

Segundo Leite (2011), o conjunto de alterações causadas pela reestruturação produtiva no mundo do trabalho, não alterou as condições precárias de trabalho do setor de confecções, pois a precariedade sempre foi uma das suas principais características. “Ao contrário, eles têm reconfigurado o trabalho precário feminino em domicílio, que nunca deixou de existir no setor ou aquele realizado em pequenas oficinas de confecção, tem se multiplicado no quadro de transformação.” (LEITE, SILVA e GUIMARÃES. 2017).

Nesse sentido, a partir da reestruturação produtiva, a direção das configurações de trabalho se tornou outras e a informalidade ganhou uma conotação positiva diante do modelo de salário mínimo adotado como forma de remuneração feita aos trabalhadores, pois segundo Lima (2002), o que se via na prática não se diferenciava muito da informalidade. A abertura econômica e a melhora na inflação, algo estrutural do Brasil, abriu esperança e legitimou essa virada de pensamento entre a população.

A partir dos anos 90, a subcontratação: “termo genérico que designa o instrumento gerencial pela qual a empresa transfere atividades ou tarefas para outra unidade empresarial, podendo envolver sua atividade-fim, como atividade de foco do negócio” (LIMA, 2012), cresce de maneira extensa e passa a se observar a permanência e revigoração de algumas práticas como a tão antiga atividade de costura com o surgimento de novos trabalhos de subcontratos.

Já terceirização consiste em um recurso gerencial em que uma empresa transfere parte de sua atividade-fim para outra empresa ou indivíduo prestador de serviços. Nesse sentido, temos duas divisões de terceirização no micro pólo de confecção da cidade de Ervália-MG: *Private Label* e *Facção*

O modelo de gestão *Private Label* – Produção licenciada para terceiros por uma marca própria – é executada apenas pelas confecções enquanto instituição formal de trabalho, como forma de prestação de serviço a outra empresa. As fábricas de vestuário de biquínis de macro polos, em geral situados no estado de São Paulo, contratam as fábricas/confecções do micro polo de Ervália para produzir parte de sua produção, fornecendo apenas a etiqueta que deseja colocar na peça.

O modelo de *Facção* é uma unidade produtiva realizada por trabalhadoras que transformam suas casas em pequenas oficinas artesanais para costurarem, no caso de Ervália, biquínis, estas recebem por peça costurada e por etapa executada. Segundo Corteletti (2019), "facções" são pequenas unidades produtivas que funcionam dentro dos espaços domésticos, onde o trabalho é especializado em uma etapa do processo de produção das confecções. Esse processo de trabalho não é algo singular da cidade de Ervália, ele é amplamente utilizado por diversas fábricas/confecções em que se têm como objetivo final a produção têxtil seja de biquínis, cama, mesa banho ou até mesmo roupas. Prova de tal afirmação são as pesquisas científicas realizadas, obre este tema nas cidades de Formigas – MG, Toritama- PE, região Sul do país e no Rio de Janeiro: a saber uma pesquisa realizada por Jacob Lima e um grupo de pesquisa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de da Paraíba, em alguns

Municípios de Pernambuco e do Ceará sobre as “As Artimanhas da Flexibilização: O Trabalho de Terceirizado em Cooperativas de Produção⁵” sobre diversos temas tocados nessa pesquisa.

Cabe ainda, destacar as diferenças entre esses dois modelos supracitados: enquanto na facção, trabalho de costura é realizado de maneira parcelada, por trabalhadoras, em sua casa, onde as confecções enviam peças cortada, apenas para serem costuradas, tendo estas trabalhadoras poucas ou quase nenhuma tecnologia. No *Private Label* o comprador, em geral uma fábrica de porte grande ou médio, compra de uma confecção ervalense o produto final, no entanto fornece toda a matéria prima, cabendo a confecção de Ervália ofertar a força de trabalho.

Em Ervália a compra e venda da costura através do modelo de produção facção, aparece sob duas categorias: trabalhadoras terceirizadas e as informais. A primeira categoria foi adotada com o surgimento da Lei Complementar N°128, de 19 de dezembro de 2008- Microempreendedor Individual- MEI⁶, criado pelo Governo Federal para promover uma espécie de formalização do trabalho que foi utilizado em larga escala pelas confecções. Por uma taxa mensal paga ao Governo Federal, a trabalhadora transfere o status de informal a categoria de terceirizada. Segundo Lima (2012), assumindo todos os ônus para si. Essa nova categoria de trabalho não interfere na sua condição de trabalho das costureiras. O conceito clássico da segunda categoria foi criado pela OIT - Organização Internacional do Trabalho, nos anos 1970, e está ligada diretamente ao padrão salarial vigente no país, ao acesso às leis trabalhistas e ao tipo de trabalho executado, ou seja, nesta categoria as trabalhadoras de costura são ainda mais precarizadas, pois não estão inseridas em nenhum tipo de proteção estatal. Nesse sentido, as trabalhadoras do MEI ou, como são conhecidas, as meninas do MEI possuem alguma proteção estatal enquanto que as trabalhadoras informais não têm nenhuma proteção, como por exemplo o direito a aposentadoria de acordo com as regras vigentes do Brasil.

Deste modo, ao mesmo tempo que a indústria do micro polo de Ervália é contratada através do modelo de gestão *Private Label*, as suas confecções possuem um quadro de trabalhadores inserido na categoria formal e ainda utiliza ampla mão de obra do trabalho domiciliar denominado de facção sendo terceirizado, informal ou ainda, visto a partir de uma outra ótica: a flexibilidade. Nesse sentido as definições em relação às

⁵ LIMA, Jacob Carlos. As artimanhas da flexibilização: o trabalho em cooperativas de produção industrial. São Paulo: Terceira Margem, 2002.

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm. Acesso 13 janeiro 2023

configurações de trabalho deixam de ser algo com definições precisas, formando mais uma continuidade entre um e outro do que uma segregação. Nessas novas classificações estão inclusos o auto emprego, prestadores formais de serviços que subcontratam membros de sua família para execução da atividade produtiva podendo ter remuneração esporádica ou nem ter.

O conceito de flexibilidade, segundo Martinelli (2017), ainda é dotado de pluralidades, pois para a perspectiva neoliberal flexibilidade significa *variações conjunturais* que decorrem através das instabilidades do mercado e para as *correntes de gestão do trabalho*, a flexibilidade diz respeito à exposição do trabalhador às constantes crises do capitalismo que faz com que a desigualdade social aumenta e se perpetuem.

De modo geral, o que se observa na prática, no caso do micro polo de Ervália, é uma ampla rede de informalidade e ilegalidade no que diz respeito ao contrato das trabalhadoras de facção. A ilegalidade sempre esteve presente no do setor de confecção, entretanto a criação do MEI, retirou as costureiras domiciliares da dita ilegalidade e as empurrou para a legalidade, enquanto categoria institucional. A categoria de trabalho legal instaurada pelo MEI se difere da categoria de trabalho formal adotada anteriormente no que diz respeito a questão de acesso aos direitos. O trabalho legal se constituía apenas daquele que era regido por contrato e proteção social, com o MEI o trabalhador presta serviço e não tem acesso a proteção social. Apesar do MEI, o trabalho informal no micro polo de Ervália se constitui a regra de contratação no que se refere ao trabalho de facção.

Aliado a isso, em 2017 o congresso brasileiro e o governo federal aprovaram uma reforma trabalhista, que nas palavras de Krein (2018) ficará conhecido como um duro golpe contra os mais pobres, pois esta reforma mostra um desmonte dos direitos trabalhistas conquistados nos últimos 10 anos pelo povo brasileiro.

CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS

A pesquisa ocorreu no município de Ervália-MG, que segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de pesquisa – IBGE, em 2020, conta com 18.958 de pessoas. Majoritariamente a população reside na Zona Rural, tendo como principal fonte de renda a colheita anual do café e os trabalhos derivados das 23 confecções. Estas 23 confecções constitui um micro polo de costura que apesar de suas características próprias tem aspectos gerais característico de todo setor de costura.

Abreu em livro intitulado “ O Avesso da Moda: Trabalho à Domicilio da Indústria de Confecção, publicado em 1986, pesquisa o setor de confecção da cidade do Rio de Janeiro-RJ e cita algumas características daquele momento que se assemelham com o micro polo de costura de Ervália. Apesar de ter se passado 40 anos deste a publicação do seu livro, as características permanecem as mesmas.

A primeira característica é a divergência entre o trabalho da costureira e o avanço tecnológico existente. O trabalho de costura ainda é constituído apenas entre a máquina e a costureiras. Apesar do amplo avanço tecnológico, nas máquinas de costura, as costureiras dificilmente têm acesso salvo algumas exceções. Dentro disso, as máquinas de costura das duas confecções, em que ocorreu a observação participante, são *made in China*. Segundo relatos do campo de estudo as maquinas da china são as de preço mais acessíveis do mercado. Estas máquinas possuem baixas tecnologias, além da necessidade de utilizar outros instrumentos, como a tesoura, para finalizar uma peça e passar para a outra.

A segunda característica é a interferência do produto de fabricação da confecção. Quanto maior o nível de padronização do produto, maior será a escala de produção e maior será o núcleo que se responsabiliza pela confecção. Tal característica pode ser observada no micro polo de costura de Ervália, que, apesar de cada confecção adotar um padrão de produção conforme seu interesse, as peças fabricadas são sempre padronizadas e sem ou com quase nenhuma customização em um ritmo acelerado visando sempre maior produção.

Em terceiro lugar, está ligado a facilidade de separação das etapas de produção, uma das características mais antigas deste setor. Segundo Abreu (1986), uma confecção pode separar a fabricação de um produto oriundo da costura em quatro etapas: idealização, preparação, montagem e o acabamento. A idealização em pequenas empresas é trabalho do proprietário ou de um estilista, pois a imagem da confecção é atrelada ao

produto final. A segunda etapa a preparação, é constituída por modelagem e corte do produto podendo ser feita na confecção ou em outro espaço. A terceira etapa é o que se constitui o objeto desta pesquisa de fato, pois é na montagem que as trabalhadoras de costura entram em ação, podendo ser realizada nas confecções ou em pequenas oficinas no quintal das casas de trabalhadora. A quarta e última etapa é composta por trabalhadores que fazem a colocação de aviamentos, revisão do produto, embalagem, entre outras atividades. As trabalhadoras deste último, em geral tem o mesmo status de costureira, entretanto não precisam saber costurar e nem ter uma qualificação em outras áreas da atividade produtiva.

A terceira característica descrita por Abreu (1986) se diferencia do micro polo de costura de Ervália, no que diz respeito à primeira e à segunda etapa. Em geral, o trabalhador que realiza a idealização do produto é o mesmo que realiza a modelagem, entretanto o corte é realizado por um outro trabalhador e apenas no ambiente fabril. A idealização do produto não ocorre na confecção, mas a modelagem ocorre em ambientes e contratados de trabalho híbridos.

3.1 MAR E SOL: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA PRIMEIRA CONFECÇÃO

Em meados de novembro de 2021, cheguei, antes das trabalhadoras de costura, à fábrica, campo de pesquisa, e me direcionei para o terceiro andar, onde estava os proprietários da confecção, que aqui chamaremos de Mar e Sol, para uma reunião. Esta confecção pertence a dois indivíduos que possuem relação parental: um se dedica a confecção e a cargo público e o outro se dedica exclusivamente aos trabalhos da confecção.

A confecção está localizada no centro da cidade de Ervália, possui diversos comércios varejistas, duas instituições municipais e uma escola privada. É composta por três andares: o primeiro andar é o setor de corte e de estoque dos tecidos; o segundo andar é onde está localizada a parte principal da confecção, ou seja, a oficina propriamente dita onde as costureiras realizam suas atividades de trabalho. No terceiro andar está o setor administrativo, estoque e local onde se encontram nos momentos de pausa do trabalho, para tomar um café nos horários rigidamente estipulados. No térreo funciona um comércio varejistas que não é pertencente à confecção.

O objetivo da reunião foi explicar do que se tratava a pesquisa e me e situar sobre diversas questões a respeito da costura e sobre a confecção. No final da conversa,

chamaram a *encarregada*⁷, explicaram a ela quem eu era e que faria uma espécie de estágio ali e ela se mostrou muito aberta às perguntas e eu descii para o objeto de estudo. No caso desta confecção, a encarregada faz mostruário ao mesmo tempo que gerencia as fábricas, mas essas duas tarefas são consideradas ofícios distintos. Maria, por exemplo, já fez algumas vezes o mostruário e, portanto, a coleção desta confecção. Está encarregada, da confecção estudada faz o curso de moda à distância e tem vasta experiência prática dos seus anos anteriores de costura. Com isso cria a coleção da confecção que vai desde a escolha do tecido até os cortes e tem remuneração separada do seu ofício cotidiano para fazer a coleção.

Ao chegar no segundo andar, espaço onde as relações de trabalho de fato aconteciam, encontrei 30 pessoas na atividade produtiva: 24 costureiras, 01 costureiro, 02 pessoas no trabalho de arremate, 02 no controle de qualidade final, 01 *encarregadas* e 01 subcarregada, sub, no sentido de substituta da encarregada quando ela precisar se ausentar. Ao chegar no último degrau da escada, vejo todas as trabalhadoras me olhando, cochichando entre si, me categorizando e com expressões de curiosidade: Quem é ela? Ela vai costurar? Segundo Angrosino e Flick (2009), um ator social distinto do costureiro no campo de estudo, no primeiro momento, pode causar reações diversas. Entretanto, as reações de curiosidade duraram menos de uma semana e logo fui categorizada pelos agentes sociais como parte daquele setor, assim como as trabalhadoras que realizam a etapa final do produto. Não sabem costurar, mas são associadas ao setor de costura, tendo a mesma disciplina trabalhista.

Figura 1 - Imagem panorâmica do espaço produtivo fabril.



As trabalhadoras da confecção estudadas, apesar de ter o ofício de costureira, suas funções e o nome do seu ofício dependem da máquina de costura que a mesma manuseia.

⁷ Nome próprio do campo estudado dado ao ofício de gerência a um (a) trabalhador (ar) que gerencia as costureiras e não a toda a confecção.

BORDIN (2019) nos traz que os estudos sobre costureiras e suas relações sociais de trabalho têm pequena porcentagem em comparação aos da administração, comunicação e moda, portanto, ao descrever ao descrever o processo de trabalho das confecções, descreveremos os ofícios e os nome das funções das costureiras com nome próprio do campo. Dentro disso, o nome das funções adotadas por esta confecção também é o nome adotado pelo micro polo como todo.

Cada peça obedece a um trajeto de produção e, portanto, dita o tipo de ofício que a trabalhadora executará dentro da costura. Entretanto, existe uma ordem que é mais comumente seguida: Overloque, Elástico, Reta e Galoneira. A produção de uma fábrica depende da produção que o overloque faz. A partir disso, nesta confecção são 12 overloquistas para 14 outras trabalhadoras que estão executando outro tipo de costura. Ao questioná-las sobre qual o nome que elas se davam e recebiam, enquanto costureiras de cada máquina específica, foi-me dito que o nome do ofício é o nome que está na carteira de trabalho e apenas as trabalhadoras que trabalham na reta e no overloque classificação específica. Dentro disso:

- Overloquista é a costureira que trabalha em uma máquina que se chama overloque, sendo esta máquina responsável pelo primeiro passo da produção de uma peça, ou seja, ela *fecha* as peças e dentro do micro polo de Ervália é a ocupação que mais se tem facilidade de ser contratado, bem como tem mais prestígio e instabilidade empregatícia, segundo os relatos das trabalhadoras. Como já dito, a confecção possui 12 overloquistas fixas, mas no período que é chamado de aperto, existem mais máquinas de overloque disponíveis e é possível transferir uma costureira de uma máquina para outra.
- Costureira que "*passa*" elástico é aquela que trabalha em uma máquina chamada elástico e tem a função de costurar elástico nas diversas partes que um biquíni precisa. No caso da confecção estudada, existe 01 trabalhadora que coloca elástico em todas as peças. Existem máquinas de elástico com maior tecnologia, fazendo com que o tempo de costura do elástico na peça, seja menor e o lucro maior. Nessas máquinas não é necessário cortar o elástico quando termina a costura, a própria máquina faz isso. Na confecção estudada, a costureira precisa cortar com a tesoura.
- A confecção possuiu 04 costureiras que trabalham na máquina que faz ponto reto, usualmente conhecida como retista. Segundo as trabalhadoras, o ponto que a

máquina reta faz é o mais fácil de se aprender e quem costura na reta geralmente sabe costurar em outras máquinas, pois é a demanda da produção.

- A confecção tem 02 trabalhadoras que cortam bandeira, termo para se referir a tecidos cortados para utilizar na produção de uma parte do biquíni, passam viés, adidas e fazem rotolês. Os termos citados neste item são conceitos próprios da estrutura fabril do micro polo de costura e nesse sentido, as imagens a seguir auxiliar no entendimento.

Figura 02 - Trabalhadora cortando bandeira



Figura 03 - Trabalhadora costurando viés com elástico no biquíni



Figura 04 - Adidas, tecido branco, costurado no viés, tecido colorido



Figura 05- Peça de rolotê



- 02 trabalhadoras que costuram em uma máquina chamada galoneira e que é comumente conhecida, no campo estudado, como rebate. A função desta máquina é virar o elástico das peças dos biquínis para dentro, ou seja, acabamento final.
- 01 trabalhador homem de costura que trabalha na máquina industrial travete. A função do travete é travetar, ou seja, fazer pontos de linha nos lugares de maior fragilidade da costura para que ela não se desfaça com facilidade.
- Além de produzir biquínis, a confecção produz uma linha fitness e com isso possui outras máquinas específicas para essas peças. Conforme a necessidade da produção, as trabalhadoras se direcionam para outras funções ou até mesmo outros setores. Existem máquinas que não são tão usuais, como a máquina que faz o ponto zig zag e que prega etiqueta do metal, ou prega medalhinha, no vocabulário usado por uma trabalhadora: “máquinas que coloca esta etiqueta medalhinha”. Dentro disso, 01 trabalhadora realiza a costura nessas máquinas que são utilizadas eventualmente e uma outra faz a bainha das blusas de proteção UV e manguito, uma manga de proteção UV.
- A confecção também conta com duas trabalhadoras que realizam o arremate de todas as peças da confecção e qualquer outro processo artesanal que a peça do biquíni precise, como por exemplo, colocar regulador de tamanho, ponteira com a log da empresa, que também é conhecida informalmente como Maria Aparecida, por aquele grupo específico. Existem peças que antes de ser finalizada precisam passar pelo arremate para virar ou desvirar e voltar para máquina de costura para ser finalizada. Arremate significa cortar as linhas excedentes das peças.
- Duas trabalhadoras que realizam o controle de qualidade final, ou seja, elas não costuram, mas identifica defeitos para que possam ser reparados, bem como costuram artesanalmente algum defeito e retiram alguma mancha adquiridas pelas peças durante o processo de costura, como por exemplo, mancha de caneta.
- Só existe uma encarregada e, como já dito, ela é a gerente responsável por todo setor de costura, mas não participa da gerência administrativa da fábrica. Possui um conhecimento extenso e sabe como utilizar corretamente todas as máquinas e como os pontos feitos devem ficar. Não existe uma qualificação ofertada para este ofício, em geral, o que as (os) qualifica são os anos de experiência. A encarregada tem remuneração diferente das costureiras, tendo um salário maior.

- A sub encarregada é a substituta da encarregada e a auxilia nas suas funções cotidianas, aprendendo como o trabalho deve ser executado para realizar na ausência da encarregada, se preciso for.

As máquinas são agrupadas e dispostas no espaço, mas sem uma hierarquia de produção ou racionalização científica ou técnica, como descritas por Taylor. A escolha da distribuição das máquinas de costura foi feita pela encarregada e pela sub encarregada, as máquinas vão mudando de lugar conforme a necessidade da produção e o clima. Durante o período de observação, duas máquinas mudaram de lugar e ao questionar o porquê a encarregada me relatou que em uma delas o vento estava arrebatando o fio com muita frequência e diminuindo a produção e a outra máquina foi movida porque o sol estava queimando a trabalhadora e mesmo com a cortina estava difícil para a trabalhadora

O espaço produtivo da confecção possui duas câmeras em pontos de acesso diferentes que à primeira vista nos remete ao conceito de poder disciplinador, entretanto a partir dos relatos das trabalhadoras é possível perceber que elas nem percebem a presença das câmeras. Para realizar esta pesquisa, outras confecções foram visitadas e algumas das trabalhadoras dessas confecções faziam parte do processo produtivo de Mar e Sol. Essas trabalhadoras relataram que nos seus antigos trabalhos, diferente dali elas não podiam pegar os materiais necessários à costura, pois tinha uma trabalhadora específica destinada a essa tarefa, além de ter suas idas ao banheiro controladas.

No processo de trabalho da confecção estudada, também se difere de algumas outras confecções do micro polo, no que diz respeito à contagem de produção ao final do dia. Segundo relatos do campo, a confecção já controlou a quantidade produzida pela costureira, mas atualmente não é uma realidade, apesar de ter que haver um padrão de produção alto.

A maioria das trabalhadoras da confecção vêm de outras confecções e, portanto, tem experiência com outros processos produtivos e os relatos mais comuns que levaram elas saírem das suas antigas empresas foi assédio moral. Muitos relatos de xingamento, gritos, ameaças verbais, controle excessivo do corpo e da costura por parte dos patrões para que houvesse mais produção. Segundo Rosso (2012), o tempo de produção de cada trabalhador está relacionado com a posição ocupada e pela sua autonomia, tendo como consequências das relações sociais de trabalho resistências, acordos, pressões e conflitos.

As trabalhadoras da confecção estudada, assim como todas as trabalhadoras, segundo as entrevistas, recebem 50,00 reais a mais do que um trabalhador que recebe o

salário mínimo e possuem contrato de trabalho formal. Entretanto, o período de observação participante decorreu junto com um período da Pandemia do COVID-19 e durante este período, o Governo Federal disponibilizou o Auxílio Emergencial ou Auxílio Brasil⁸. Assim, como nos traz Abreu (1986) e Leite (2017), o setor de confecção é marcado por uma rotatividade de trabalhadoras, nesse sentido haviam trabalhadoras que tinham haviam sido contratadas e pediram a ausência do contrato de trabalho formal porque estavam recebendo esse auxílio e se fosse o vínculo empregatício fosse registrado perderiam o benefício.

Segundo as trabalhadoras, quando a pandemia do COVID -19 assolou o mundo, elas deixaram de trabalhar um mês, depois começaram a trabalhar em casa e, no terceiro mês, estavam de volta ao trabalho fabril. As máquinas foram afastadas umas das outras, a utilização de álcool em gel e máscara foi obrigatória e aos poucos tudo foi voltando ao normal.

ÁGUA DE SAL: SEGUNDA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA CONFECÇÃO

Em meados de dezembro de 2021, solicitei acesso a confecção, que aqui chamaremos de Água de Sal, a fim de realizar observações durante o período de aproximadamente um mês. Ao chegar, na confecção, para uma reunião prévia solicitada pela proprietária, toquei a campainha e fui atendida por uma trabalhadora que me pediu para esperar do lado de fora e fechou a porta. Após quinze minutos, a trabalhadora retornou e me pediu para ir até a sala da administração, onde se encontrava a dona da empresa e uma trabalhadora administrativa, a única que a confecção possui. Foi me perguntado sobre os objetivos da pesquisa, me explicado que a confecção é muito pequena e que não uma produção tão grande quanto a confecção anterior que eu estava estudando. Entretanto, a autorização foi concedida e a minha entrada ocorreu no período de pós-férias das trabalhadoras, em meados de janeiro de 2022 e em apenas um período de trabalho da jornada da confecção

Cheguei na data combinada e encontrei junto às trabalhadoras fabris, na atividade produtiva, a dona da confecção, sua mãe de 86 anos, fazendo arrebate (função já descrita) de biquínis e uma trabalhadora que não faz parte do quadro de funcionários corriqueiros

⁸ Medida Provisória n° 1.000 de setembro de 2020

de Água de Sal, fazendo o mostruário e costurando as primeiras peças da próxima coleção de biquínis. Esta trabalhadora faz parte do quadro de funcionários da confecção que pertence a filha da dona da confecção estudada e estava prestando um trabalho sazonal a confecção estudada, trabalho muito utilizado pelo setor de confecção Abreu (1986) nos traz e conforme já descrito.

Água de Sal estava há seis meses sem uma trabalhadora de gerência, pois a antiga encarregada havia pedido demissão porque a filha foi diagnosticada com uma doença em estágio avançado e grave. Desde então, devido às peculiaridades que serão descritas, a confecção não conseguiu encontrar uma encarregada, apesar de ter testado várias trabalhadoras e uma dessas trabalhadoras ficou apenas um dia e meio na função.

Durante os primeiros meses de pandemia do COVID-19, a filha da dona da confecção estudada abriu uma loja virtual em dois aplicativos de e-commerce via telefone celular originários da China. A mesma passou a vender biquínis em uma proporção tão grande que a confecção de sua mãe não conseguiu dar conta de produzir os pedidos feitos fisicamente e online. Segundo, Antunes (2021), este fato é uma das características do capitalismo flexível, ou seja, o capital refugia seus lucros a partir das alterações sociais visando mais lucro. A partir desse aplicativo, surgiu então, uma outra fábrica de propriedade da dona da confecção estudada e do namorado dela. Esse novo empreendimento é composto por 4 trabalhadoras e funciona no quintal da casa da família, onde trabalhadoras produzem apenas biquínis para venda online, podendo contar com a ajuda de produção da confecção Água de Sal.

Inicialmente, Água de Sal tinha outro nome e foi comprada pela atual proprietária tem 12 anos, entretanto já haviam 5 anos de funcionamento com o dono anterior, totalizando 17 anos de produção. Localizada no centro da cidade, próxima de uma escola municipal destinada à estudante do ensino fundamental I e II, de comércios como: bares, supermercado, gráfica, posto de combustível e de outras duas confecções, tem uma produção pequena em relação às outras fábricas da cidade.

O espaço de funcionamento é em um galpão adaptado com ferragens e paredes de MDF, onde estão dispostas as máquinas de costura e as mesas necessárias ao processo de produção de biquínis. Nesse espaço trabalham 17 pessoas, sendo 10 costureiras e 7 trabalhadores destinados a outras áreas. As máquinas de costura ficam ao lado da mesa de corte (etapa já descrita) e nesse sentido não existe uma mobilidade entre as trabalhadoras, pois não tem espaço para andar.

No período de observação participante desta pesquisa, o primeiro ponto que apareceu foi justamente este, não existia a possibilidade de observação participante em pé. Para conseguir observar, era necessário sentar nas cadeiras das máquinas que não estavam sendo utilizadas e conforme a necessidade de uso, eu realizava a troca de lugar. A frente das máquinas de costura e, portanto, do espaço produtivo, fica o espaço de revisão (etapa final) das peças produzidas e um dos banheiros. Ao lado da revisão fica a cozinha com três máquinas menos usuais no processo produtivo, um outro banheiro, um bebedouro que tem água gelada e temperatura ambiente em frente e em cima construído de alvenaria o escritório administrativo.

Observado e descrito pelos próprios trabalhadores da fábrica e pelos entrevistados da pesquisa, se tem mais overloquistas⁹ no processo de trabalho, do que outros tipos de costureiras, nas confecções de Ervália. Nesse sentido, diferente da primeira confecção, nesta apenas uma trabalhadora passa elástico e outras quatro overloquistas ficam em posições fixas, as outras trabalhadoras costuram conforme a necessidade da produção, podendo oscilar por exemplo: entre a máquina reta e a máquina de arrebate.

A jornada de trabalho inicia-se às sete horas da manhã; às oito e trinta se tem uma pausa de cinco minutos para se tomar um café feito pela trabalhadora do arremate; as onze horas, as trabalhadoras vão almoçar, a confecção é trancada; as doze e trinta, inicia mais um período de trabalho; as quinze e trinta se tem outra pausa, entretanto de dez minutos para tomar café que é feito pela mesma trabalhadora e comer um pão que é entregue pela padaria e de segunda a quinta feira o trabalho se encerra às dezessete e trinta, nas sextas-feiras às dezesseis e trinta. Nesse sentido, Rosso (2012) nos traz que a “informação mais relevante sobre o tempo de trabalho é que as costureiras fabris são as que possuem a menor jornada de trabalho diária.” Diferente das trabalhadoras de facção, como veremos no próximo capítulo, as trabalhadoras fabris por não controlarem sua jornada de trabalho não é sinônimo de possuírem uma jornada maior.

A confecção não tem um trabalhador (a) destinado a realização da limpeza, quem faz essas tarefas são as trabalhadoras da costura e, sempre de acordo com o ritmo da produção, entretanto não se tem produto de limpeza, sabonete para lavar as mãos. As trabalhadoras constantemente fazem contribuições coletivas para a compra do coador de café e levam seu copo, pois não tem copo descartável para ser utilizado. Todas as máquinas de costurar produzem restos de retalhos e linhas que são jogados dentro de

⁹ Trabalhadora que manuseia a máquina de overloque.

sacos pretos. As trabalhadoras retiram esse saco da sua máquina escondido porque é visto como perda de tempo e, portanto, prejuízo para a dona, além de limparem suas máquinas apenas quando a própria não está no processo produtivo.

As características do ofício das costureiras da confecção não se diferem das outras costureiras de confecção do micro polo, o que as diferenciam das outras é o modo de organização e de produção no processo de trabalho dentro da confecção. Segundo duas entrevistadas, desta pesquisa, que além de trabalhar em confecção também ofertam curso de corte e costura, cada confecção pede para que o processo de costura dentro da produção seja um e quando se é admitida em uma fábrica, tem que costurar como o patrão pede. As trabalhadoras de costura têm idades variadas, tendo a mais jovem entrado na confecção com 14 anos, tendo 2 anos de trabalho, e a mais velha com 43 anos, tendo 10 de trabalho. Dentro disso, existe uma lógica de produção, mas esta lógica é feita por cada patrão e não aquela lógica descrita pelos teóricos da sociologia do trabalho.

Não se tem um perfil específico de contratação, entretanto as questões que tangem as relações de trabalho se mostraram fora dos padrões de normalidade estabelecidos a partir da carteira de trabalho, ou seja, o padrão adotado pelo Brasil e entendidas como padrão. A trabalhadora que entrou com 14 anos é filha de uma das costureiras da confecção e foi admitida sem nenhum contrato formal, o trabalhador que corta os tecidos para molde é filho da empregada doméstica da casa da dona e também não tem contrato formal. Conforme dito no capítulo 02, a informalidade é uma característica comum deste setor, entretanto Ervália tem características próprias. A relação social de mercado de trabalho dentro da confecção acontece de maneira muito artesanal. Algumas trabalhadoras possuem contrato de trabalho formal via consolidação das Leis do Trabalho-CLT- e outras não possuem, portanto, são informais. O salário de quem não tem contrato é pago integralmente, enquanto o salário de quem tem contrato é descontado a porcentagem de 8 % que é destinada a previdência social e a proteção social.

O processo de trabalho desta confecção é marcado por conflitos e resistências das costureiras com a patroa. Esse conflito, em geral, se constitui através da patroa com todo o grupo de costureiras. Segundo relatos das trabalhadoras, elas manuseiam mais de uma máquina, porém não é bom demonstrar este conhecimento, pois a quantidade de costureiras na confecção já não é suficiente para a quantidade de biquínis que elas precisam produzir. Quando se é percebido a qualificação extra, a trabalhadora recebe mais costuras e precisa produzir mais do que quando se tem uma qualificação. Apesar disso, as trabalhadoras costumam vários pontos, em máquinas diferentes e de acordo com a

necessidade da confecção. Não se tem uma posição fixa, é comum ver uma costureira trabalhando na máquina de overloque durante a manhã e à tarde está na máquina de reta. A única posição que não se altera é a da trabalhadora que passa elástico porque só tem uma.

A confecção não tem uma trabalhadora com o ofício de gerência e em função disso a patroa passa a maior parte do tempo de trabalho da confecção no chão de fábrica, o que acaba provocando muitas tensões. Segundo, uma das entrevistadas, que foi contratada para ser encarregada e trabalhou um dia e meio na confecção, a patroa não respeita os limites humanos das costureiras e ela não aceitou o cargo de encarregada porque o filho de uma das costureiras da confecção estava com febre de 40°, a mãe precisava socorrer o filho. A dona chamou a atenção dessa trabalhadora dizendo que ela era mãe fora do horário de produção. Segundo a mesma, ela tem três filhos e um deles é celíaco e se qualquer filho estivesse doente ela também iria, em função disso, aquele trabalho não era para ela.

A gestão ou organização não são conceitos centrais para o controle de trabalho nesta confecção, prova disso são os conflitos exacerbados que ocorrem quase diariamente entre a patroa e as trabalhadoras. Nos primeiros quinze minutos de observação, ocorreu uma briga com troca de gritos entre uma costura de overloque que estava substituindo a costureira de elástico que estava com COVID-19 e, portanto, faltou. Elas brigaram porque a trabalhadora de elástico não sabia que tinha um pedaço de elástico guardado e abriu uma caixa, ou seja, por motivo banal, já que o elástico é um produto necessário em todas as peças produzidas e não seria perdido.

O período que eu adentrei na confecção, foi um período de pico de contágio muito forte de COVID-19, na cidade, dentro disso, haviam 5 trabalhadores de atestado. No terceiro dia, eu fui contaminada, assim como 3 trabalhadoras que eu sentei ao lado. Fiquei alguns dias de atestado e quando voltei, algumas trabalhadoras tinham tido sintomas mais fortes e que ainda não haviam voltando ao trabalho. Tal fato gerou desconforto entre as trabalhadoras após perceberem a insatisfação da patroa por estas ausências.

A relação entre patroa e empregada é de resistência de trabalho e prova disso é o fato de que as costureiras relataram que tudo que a patroa gosta, “a gente” faz ao contrário. Com o passar do tempo, eu consegui entender como são as relações sociais não ditas e invisíveis aos olhos de um desconhecido, dentro do espaço de trabalho. Os olhares constituem o modo de linguagem principal entre essas trabalhadoras, bem como o deboche também, ou seja, forma de resistência. A música escolhida para cantar quando a

patroa está no espaço fabril é Eva Venenosa, cantada por Rita Lee e composta por Jerry Leiber e Mike Stoller.

A trabalhadora que está a mais tempo trabalhando relatou que nunca houve contagem de produção e que a contagem é sempre usada como ameaça para que as costureiras produzam mais, entretanto nunca foi implantada e a forma de organização é a desorganização, pois tem peças que somem da máquina, pois a patroa mexe nas peças costuradas e ela nem se quer sabe costurar, portanto, bagunça tudo, além de exigir produção de uma maneira que as vezes não é possível. Para as costureiras isso se constitui um problema, mas de uma maneira geral é uma forma de controlar a produção realizada na confecção.

Ao questionar o porquê de elas continuarem trabalhando ali, mesmo tendo esses conflitos, as respostas variaram de acordo com o que a idade ia avançando, mas a resposta que mais apareceu foi: “só tem confecção aqui, na cidade, todas as confecções têm problemas, eu não trabalho apenas por dinheiro, também gosto de costurar e das meninas daqui ”

Ainda cabe destacar, que apesar da confecção ter câmera na maioria dos ambientes, foi instalada mais 5 câmeras para que todos os espaços da confecção fossem monitorados via celular pela proprietária, como forma de controle da atividade produtiva. A câmera foi instalada durante a manhã e meu acesso era permitido durante a tarde, as trabalhadoras me alertaram: “agora, a gente não pode nem comer e nem conversar mais que ela ver, mas têm esse ponto que não dá para ver.

No final da observação, eu acompanhei o período de produção de peças de promoção e nesse sentido as peças eram produzidas com os tecidos, linhas e fios que sobram das coleções anteriores e as peças saiam fora do padrão cotidiano, no sentido de produções de baixo padrão, para além de peças com pequenos defeitos.

Ainda cabe, a este texto, que apesar das trabalhadoras terem como ponto em comum a resistência a dona da confecção, isso não constitui que exista relação harmoniosa entres eles no chão de fábrica. Existem muitas relações conflitantes entre eles no chão de fábrica e grupos unidos e coesos que não permitem a entrada de outros membros.

AS ENTREVISTAS

Este capítulo se dedica a análises de entrevistas de trabalhadores que ocupam ou já ocuparam diversas posições dentro do processo produtivo do micro polo de costura da cidade de Ervália. Em função da informalidade característica das fábricas e das variedades de emprego gerada pelo setor de costura na cidade, elegi os participantes da entrevista de acordo uma rede de indicação e buscando englobar a maior totalidade de funções e informações possíveis. Segue a descrição do perfil dos participantes, com seus nomes alterados como forma de preservar suas identidades:

Luísa: reside a cerca de 18 quilômetros de Ervália, trabalhou dez anos como costureira fabril em uma das confecções da cidade. Atualmente, trabalha com trabalhos rurais e com facção de overloque, possui contrato de trabalho rural e nenhum vínculo empregatício com a confecção que a mesma presta serviço. Começou a trabalhar com a costura porque os trabalhos anteriores não ofereciam carteira assinada e remuneração adequada.

Laura: reside em Ervália, trabalhou fazendo facção para várias confecções da cidade, oferecendo curso de costura na sua residência e como manicure. Atualmente trabalha em uma fábrica como costureira de overloque, com vínculo empregatício e como manicure. Aprendeu a costurar porque é o que tem na cidade que emprega. Costura a 14 anos.

Ana: reside em Ervália, trabalhou como encarregada na confecção de Maria, personagem central desta pesquisa, como professora do curso de corte e costura oferecido pelo CRAS. Atualmente é aposentada, mas trabalha como encarregada e oferece um curso de corte e costura em sua residência. Costura a 35 anos.

Davi: reside em Ervália, trabalhou como costureiro de uma fábrica de calçados dos anos oitenta, como costureiro de biquínis, como encarregado. Atualmente, trabalha como designer de modas de várias confecções na cidade, contrata costureiras de várias localidades de Ervália para fazer facção, faz facção e junto com a esposa oferece curso de corte e costura. Não se lembra de trabalhar com outra coisa que não seja a costura, pois o seu primeiro emprego foi costurando.

Isis: reside na zona rural de Ervália, trabalhou com serviços rurais e como costureira fabril por dez anos, em uma das confecções de Ervália. Atualmente trabalha com a facção

de reta e overloque, como artesanatos oriundos dos retalhos das confecções e reforma de roupa em geral. Costura tem 12 anos.

Rafaela: reside em Ervália, trabalhou a vida toda com gado, roça e café. Atualmente trabalha em uma confecção e com faxina, entretanto sem vínculo empregatício formal em função do contrato rural que a mesma possui. Costura tem três anos.

Débora: reside em Ervália, trabalha como costureira fabril, faz facção e trabalhos sazonais na zona rural. Nunca trabalhou com outras coisas além das citadas. Tem 19 anos que costura.

Daniela: reside em Ervália, trabalhou como costureira em uma confecção, abriu a sua própria confecção e fechou durante a pandemia. Atualmente trabalha costurando em sua residência em uma pequena confecção onde trabalha ela e a filha, além de ofertar curso de corte e costura. Costura desde os 18 anos.

Diany: reside em Ervália, trabalhou em São Paulo como modelista e designer. Atualmente trabalha como modelo de produção *privite label* em Ervália, para duas fábricas de roupas de São Paulo e possui um bar. Tem 20 anos que costura.

Joana: reside em Ervália, trabalhou em confecção nos processos finais de produção durante seis anos, trabalhou em várias fábricas nos períodos designados de aperto, período de alta produção em que os trabalhadores contratados não dão conta de produzir toda a demanda. Atualmente, se dedica a cuidar da mãe e dos problemas de saúde adquiridos no processo produtivo das confecções que trabalhou.

A partir do perfil dos trabalhadores podemos observar uma grande diversidade de trabalhos executados por eles, tendo trabalhador que além de possuir emprego formal em concomitância possui emprego informal trabalhando através trabalho do *part-time*. Segundo Lima e Soares (2002), *part-time* são trabalhos descritos como “temporários, por tarefa, trabalho industrial doméstico, todos, em tese, da economia formal, mas nos quais os trabalhadores e suas famílias são forçados a misturar empregos no setor formal e informal, para atender as necessidades da família”, surgindo então, o que pode ser chamado de novo informal, como sinônimo de flexibilidade dos novos tempos.

A flexibilidade constitui um conceito plural de significados, que podem se alterar a partir do ponto de acordo com a especificidade do setor. “À luz da perspectiva neoliberal e das correntes de gestão do trabalho, a flexibilidade significa a capacidade

de adaptação dos sujeitos às variações conjunturais decorrentes do consumo de produtos, tecnologias ou mesmo formas de organização, ou seja, alterações no ambiente das flutuações do mercado”. (CASACA, 2005 apud MARTINELLI, 2017). Sob outra perspectiva, ela pode ser considerada a *rendição aos imperativos* do mercado financeiro e exposição dos trabalhadores às crises do capital. Nesse sentido, com exceção de Joana e Daniela, todas as entrevistadas constituem trabalhadoras flexíveis e que segundo Lima (2013) forma uma espécie de *continuum* entre as relações de trabalho formal e informal de fronteiras imprecisas.

AS FACÇÕES

A estrutura de mercado e o processo de trabalho das costureiras começam a se desenvolver nos anos 80 com o biquíni. Entretanto, antes de Ervália se tornar um micro polo de costura de biquínis como é conhecido atualmente, as costureiras da cidade já faziam facção de roupas para a cidade vizinha. Prova disso, é que uma empresária de Viçosa-MG, que possuía uma loja de artigos de roupas nos anos 90 enviava roupas para Ervália para serem costuradas. O trabalho de facção é o trabalho á domicilio como descrito por Abreu (1986). Em Ervália, as costureiras que fazem facção costuram grandes quantidade de peças ao dia. A costureira não faz o biquíni todo, ela apenas faz uma etapa de uma peça que pode ter oito etapas de costura para ficar pronta. Atualmente o que se tem demanda de produção por facção é o biquíni, entretanto já houve período que a facção era de outro produto e em menor quantidade.

As facções do micro polo de costura de Ervália fornecem a flexibilidade necessária aos fabricantes para lidar com a variedade de produção, haja visto que uma das características deste micro polo são os trabalhos rurais realizados pelas costureiras. O período designado de aperto é o período de baixa demanda por trabalhadores rurais e o período de colheita de café, principal atividade econômica da cidade, é de baixa demanda de produção do setor de confecções.

Segundo Martinelli (2017), o controle sobre o tempo de trabalho das faccionistas se difere das trabalhadoras fabris, pois enquanto a trabalhadora fabril possui uma relação com a fábrica a faccionista presta serviço a confecção. As faccionistas representam disponibilidade de trabalho, mas sem as regulamentações tão rígidas da confecção, ao mesmo tempo que o acesso aos direitos trabalhistas associando ao vínculo empregatício formal, como demonstrando no início do capítulo. Entretanto, a contratação de facção por parte da fábrica, no entanto, é mais do que rebaixamento de custos, é uma espécie de

subcontratação de uma *técnica de gestão* que substitui o controle através de uma profissional de gerência. O controle se dá, nas trabalhadoras de facção, através da quantidade de tempo que a mesma tem para realizar sua tarefa.

A flexibilidade que a facção proporciona às fabricantes está ligada à possibilidade de sua produção aumentar em determinado período e não aumentar a estrutura de trabalhadores formais, haja visto que o período de baixa produtividade, como já explicado. Durante o período de alta produtividade, segundo Leite (2017), nos períodos de grande produtividade é comum as trabalhadoras domiciliares negligenciar os cuidados com a educação dos filhos, com as tarefas domésticas, sua família se inserir na atividade produtiva de costura para ajudar para conseguir costurar as demandas.

Segundo, Martinelli (2017), o trabalho de costura doméstico é velho conhecido do setor de confecção, entretanto esse trabalho subcontratado das costureiras ganhou uma nova roupagem a partir do MEI. O MEI constituiu um novo modelo de contrato de trabalho obrigando as trabalhadoras a absorverem as alterações do capital flexível para gerar mais lucro e acentuando ainda mais a desigualdade trabalhista. Entretanto, a partir das entrevistas podemos observar uma variedade de contratos de trabalhos ou ausência dele no que se refere a facção.

Luísa de origem rural, desejando mudar-se para a cidade, trabalhou colhendo café para pagar dois cursos de corte e costura, trabalhou dez anos com contrato formal, casou-se e voltou para a zona rural. Na zona rural trabalha com a facção e com os trabalhos rurais que se resumem a capinar, cuidados dos animais, plantações, levar comida no pasto para o marido e cuidar da sua casa. Ela não tem trabalho de costura durante os meses de janeiro, fevereiro e março na costura, mas de abril a dezembro ela trabalha muito. A sua jornada de trabalho se inicia às sete no inverno e um no verão um pouco mais cedo, ela se levanta para fazer o almoço e levar para o marido, volta e volta para a costura novamente, fica até as dezessete, dezoito horas. Entretanto no período de aperto já chegou a ficar até as vinte e duas horas. Ela possui contrato de trabalho rural e é trabalhadora informal na confecção que presta serviço. A máquina de costura é dela, mas se a confecção estiver precisando que ela faça algum tipo de costura que ela não tenha máquina, eles levam para ela a máquina. Ela ganha por peça produzida e os preços, pagos pela costura, variam de peça para peça. Dentro disso:

Figura 06 - Valor de facção pago a Luísa

| ACERTO FACÇÕES | | | | | | |
|-------------------|--------|-----------|-----------|---------|----------|----|
| Banco/Agência/CC: | | | | | | |
| Tam. | Quant. | Vlr.Unit. | Vlr.Total | Retorno | Nr.Ordem | ID |
| G | 21 | 0,60 | 12,60 | | | |
| G | 18 | 0,60 | 10,80 | | | |
| GG | 14 | 0,60 | 8,40 | | | |
| GG | 12 | 0,60 | 7,20 | | | |
| M | 21 | 0,60 | 12,60 | | | |
| MA | 18 | 0,60 | 10,80 | | | |

| ACERTO FACÇÕES | | | | | | |
|-------------------|--------|-----------|-----------|---------|----------|----|
| Banco/Agência/CC: | | | | | | |
| Tam. | Quant. | Vlr.Unit. | Vlr.Total | Retorno | Nr.Ordem | ID |
| G | 3 | 0,90 | 2,70 | | | |
| G | 2 | 0,90 | 1,80 | | | |
| G | 2 | 0,90 | 1,80 | | | |
| G | 3 | 0,90 | 2,70 | | | |
| G | 1 | 0,90 | 0,90 | | | |
| G | 1 | 0,90 | 0,90 | | | |
| G | 1 | 0,90 | 0,90 | | | |
| G | 2 | 0,90 | 1,80 | | | |

Figura 07 - Espaço de trabalho de Luísa



Débora, aos 14 anos, começou a trabalhar com a colheita de café, depois de casar. A sogra a ensinou costurar. Trabalhou um pequeno período em confecção, mas devido aos pesos que carregava quando era trabalhadora rural, sua coluna desenvolveu um problema crônico, ela não conseguiu ficar devido às fortes dores, mas foi trabalhar costurando em casa. Ela tentou trabalhar em confecção, mas seu filho adoecia muito e ela voltou a trabalhar em casa e ficou 18 anos costurando em casa. Atualmente trabalha como

costureira em uma confecção com contrato formal, faz facção de bainha e orveloque durante o final de semana e durante a colheita anual de café, nos feriados e finais de semana colhe café. A colheita do café é feita através de caixas e durante o ano de 2022, o valor da caixa colhida era de 15,00 reais. Débora fez o MEI, entretanto, segundo a mesma, ela precisa dar baixa porque começou a trabalhar de carteira assinada.

Isis sempre morou e trabalhou na zona rural como as atividades que ela conceitua como lida da roça, ou seja, com trabalhos rurais pesados tidos como trabalhos de homem, mas o seu sonho sempre foi deixar aquele trabalho rural algum dia. Aprendeu a costurar com 29 anos com em um curso trabalhou em duas confecções com overloque e uma máquina chamada vivo¹⁰, uma das máquinas mais difíceis de aprender a manusear. Atualmente trabalha com facção de reta e overloque, para Davi, além de trabalhar com reforma de roupas e artesanatos, entre esses artesanatos estão tapetes feitos com retalhos que as confecções jogam fora. Se considera autônoma, mas está inserida dentro da informalidade já que não tem nenhum tipo de contrato de trabalho e nem possui o MEI. Ela costura reta e overloque e ganha por peça produzida. Quando é necessário ela costurar reta e overloque na mesma peça, o valor pago é sob dois tipos de costura e os valores pagos são diferentes.

Davi aprendeu a costurar sapatos com um trabalhador da atual rádio da cidade, que na época trabalhava como encarregado de uma confecção de sapatos. Esse trabalhador relatou que as coisas naquela época eram diferentes e que já chegou passar o dia e a noite trabalhando para atender as demandas da fábrica. Davi trabalhou como costureiro de sapatos e quando a confecção de sapatos faliu, foi trabalhar com Maria, depois que Maria fechou, depois trabalhou como jovem aprendiz costurando e teve diversos trabalhos na costura, até chegar a encarregado. Se formou em designer, atua como modelista e designer um período do ano, entretanto no outro período trabalhou com facção. Ele pega uma quantidade de facção e distribui para três trabalhadoras que recentemente saíram das confecções que trabalhavam. Segundo ele, ele entrega uma quantidade X para as trabalhadoras e estipula um prazo para entrega. Todas as trabalhadoras que prestam serviço para Davi têm filhos pequenos e segundo ele, elas colocam as crianças perto da máquina e costuram, assim evitam de deixar na creche e podem cuidar melhor já que criança pequena adocece muito. Durante as entrevistas, o filho pequeno sempre aparece como um fato que faz as mães optarem por trabalharem com

¹⁰ Máquina de costurar roupa fitness.

facção, enquanto a mãe passa longas jornadas costurando, o filho fica em um berço móvel ou em um carrinho de bebe ao lado. Davi e sua esposa alugaram um espaço para ofertar um curso de costura para as pessoas que desejam aprender a costurar. Davi possui o MEI e trabalha como prestador de serviços.

Figura 08 - Espaço de costura de Isis



Diany é natural de Ervália, mas mudou-se para São Paulo quando completou a maioridade para trabalhar com a tia, que possui uma confecção em São Paulo e cursou moda, pois, naquela época, Minas Gerais quase não possuía este curso. Trabalhou como modelista e designer de moda em São Paulo, mas com a pandemia voltou para Minas Gerais. Atualmente trabalha com o modelo de vendas *private label* para três empresas de São Paulo, mas já prestou serviço para doze empresas. Segundo a mesma, ela não tem nenhum tipo de contrato com essas empresas, se uma peça for com defeito as empresas contratantes mandam a peça e ela quem tem que lidar com os prejuízos. A sua confecção de *private label* é dentro da sua residência e a atividade produtiva envolve a sua família. O companheiro de Diany é costureiro, imigrante de outro país latino-americano e eles se conheceram quando ambos trabalhavam em São Paulo em uma fábrica do setor de confecção. Quando a confecção de Diany iniciou, ela e a família moravam em SP, mas em função da pandemia, eles se mudaram para Ervália e começaram a trabalhar do mesmo

jeito, obtendo até mais lucro, então continuaram, ou seja, a reorganização do capitalismo visando obter mais luxo. Durante a pandemia, o capitalismo flexível ganhou ainda mais espaço.

Um dos comentários de Diany sobre as costureiras do micro polo de costura é que é muito difícil de achar costureira que saiba fazer uma roupa toda, pois as costureiras da cidade executam apenas uma parte do biquíni durante toda a sua vida profissional, ou seja, a costura seriada como já descrito. O que para Diany é um problema, o setor de confecção observa como uma estratégia de acumulação de capital flexível.

Laura é de São Paulo e trabalha como manicure desde os seus quatorze anos, mas se mudou para Ervália porque o marido é da cidade e aprendeu a costurar com a sogra. Em suas palavras: “é o que tem na cidade”. Segundo ela, se não trabalhasse com costura teria que trabalhar no mercado ou como empregada doméstica. Laura tem três crianças e o trabalho de seu marido faz com que ele não esteja em casa com frequência, sendo ela responsável por todas as responsabilidades sociais em casa. Trabalhou com facção e dado curso de costura para indivíduos interessados em trabalhar em confecção, preferiu empregar-se em uma confecção, pois a remuneração da facção é instável e seus filhos já não são bebês, além de que em épocas de aperto ela já chegou a trabalhar até a meia noite e colocar a filha mais velha para ajudar. Isis fez o MEI, mas não para facção, mas para o trabalho de manicure. Segundo ela, se pudesse trabalhava apenas como manicure, mas a renda não seria suficiente para o sustento da família. Dentro disso, como apresentamos no capítulo 01, o MEI se mostrou uma grande rede de legalização do trabalho que era antes era considerado ilegal. O Estado passou para o trabalhador uma função que antes era sua, ou seja, a de proteger o trabalhador.

A partir dos relatos sobre as relações sociais de trabalho dos indivíduos entrevistados podemos perceber um dado que Leite (2017) nos traz em sua pesquisa sobre o setor de confecção de São Paulo: os trabalhadores sazonais a domicílio geralmente são antigos trabalhadores das confecções. Nos seus antigos trabalhos eles não só aperfeiçoaram ou aprenderam o ofício de costura, mas como também adquiriram conhecimentos, como por exemplo sobre tecidos, de como desenvolver o trabalho de costura em suas casas ou oficinas suas casas, onde e como conseguir prestar esse tipo de serviço, como acionar mais trabalhadores se necessário. Ou seja, o trabalho dentro do chão de fábrica possibilita um conhecimento que ultrapassa o processo de socialização do trabalhador.

Esse conhecimento se torna qualificação para os trabalhos de facção, além de meios de contratação. Uma costureira que trabalhou durante muitos anos em uma confecção é contratada para o trabalho de facção devido a sua experiência dentro da confecção e a sua credibilidade. Apesar da experiência que essas trabalhadoras têm, os valores pagos pela costura não modificam conforme os anos trabalhados. Cada confecção paga um valor pela peça costurada na facção. As peças são levadas para na casa da costureira e ela tem um tempo estimulado para costurar as peças e entregar. Os trabalhos se mantêm se a costureira entregar as encomendas no tempo exigido pela confecção. Essas trabalhadoras, conforme explicado no capítulo 02, podem ser informais ou prestadoras de serviço através do MEI.

TRABALHADORAS INFORMAIS

O trabalho informal, algo tão discutido, mas que conforme o desenvolvimento do capitalismo modifica-se constantemente. No micro polo de Ervália, este se torna alvo de dois regimes de trabalho: a informalidade de quem já possui um contrato trabalhista e em função deste não pode assumir outro, mas trabalha na informalidade tem um segundo ou um terceiro ofício e aquela informalidade que não tem nenhum tipo de contrato.

Joana sempre trabalhou e morou em um povoado de Ervália, que fica cerca de uma hora da cidade, semianalfabeta, mãe de três filhos, mudou para a cidade para facilitar a educação das filhas, aprendeu a costurar com 46 anos. As configurações de trabalho dos indivíduos do campo se difere das configurações dos indivíduos da cidade e segundo Rafaela, que possui um contrato rural, o tipo de contrato que possui não a permite adentrar ao regime de trabalho com carteira assinada da cidade, pois ela perderia seus anos de trabalho no campo. Rafaela, além de trabalhar em confecção e executar trabalhos rurais aos finais de semana, faz faxina em uma confecção durante a semana. O tipo de trabalho executado por ela é exatamente como o descrito por Lima (2012), quando o autor se refere às fronteiras imprecisas do mercado de trabalho.

O trabalho de Ana se assemelha ao de Rafaela, entretanto as interações que as atinge se diferem. Ana é aposentada como encarregada e na estrutura hierárquica do micro polo de costura, as trabalhadoras de gerência recebem o salário mais alto que as costureiras, podendo variar o valor pago por confecção. Segundo Diany, as costureiras consideradas de excelência, escolhem a confecção que paga melhor e tem mais benefícios para si. Ana é aposentada, oferece um curso de corte e costura, que é pago, em sua

residência e trabalha como empregada, com remuneração de 2,500 ao mês, na época da entrevista.

Daniela já teve uma pequena confecção, mas em função da pandemia do Covid-19 teve que fechar, entretanto não parou de trabalhar com artigos oriundos do setor de confecção. Durante a pandemia fabricou jalecos, uniformes, máscaras, entre outros artigos, entretanto produzindo no terraço de sua casa. Atualmente, voltou a fabricar biquínis e passou a fabricar roupas fitness porque segundo ela teve muitos pedidos porque segundo ela as pessoas, durante a pandemia, passaram a cuidar mais do corpo e o setor fitness ascendeu nas confecções de Ervália, ou seja, como afirmou Bourdim (2019) o capital se adaptando ao mercado visando ganhar o maior lucro. Nesse sentido, Daniela possui uma oficina de costura onde ela e a família trabalham.

Figura 09 - Oficina de costura de Daniela.



CONCLUSÃO

Este trabalho realizou observação em duas confecções, no entanto não se teve como objetivo específico comparar o processo de trabalho de uma fábrica com outra. O objetivo foi o de refletir o cotidiano das relações sociais de trabalho em cada contexto, haja visto que a primeira confecção é uma das que mais tem espaço físico, mão de obra

contratada e mais vende seus produtos, a segunda é tão pequena que não conseguiu observar as trabalhadoras em pé, tempo trabalhadores e muitos são informais, São dinâmicas sociais de trabalho diferentes.

A pretensão do trabalho foi maior do que conseguiu alcançar, no entanto observou-se o fenômeno social de trabalho subcontratado a domicílio é amplamente utilizado e constitui a base de produção do setor de indústria de confecção na cidade. Para conseguir compreender apenas o fenômeno social da facção é necessário outra pesquisa. Esta pesquisa se constitui apenas uma espécie de mapeamento e reflexão das dinâmicas das relações sociais de trabalho desse pequeno polo.

Referências

DE PAIVA ABREU, Alice R. **O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção**. Editora Hucitec, 1986.

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. 2009.

BORDIN, Évelin Zanelatto. **Ofício costureira: Um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de Porto Alegre**. 2019.

BOURDIEU, Pierre et al. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. In: **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 2005. p. 328-328

CASACA, Sara Falcão. **Flexibilidade, trabalho e emprego: ensaio de conceitualização**. 2005.

CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Editora da UFRGS, 2006.

DUBAR, Claude et al. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1997.

EMÍDIO, Lucimar de Fátima Bilmaia; SABIONI, Maria Livia. O private label e seu estímulo à cópia na indústria de confecção de vestuário: uma reflexão a partir de um estudo de caso. **Projética**, v. 1, n. 1, p. 68-81, 2010.

FRANZOI, Naira Lisboa. **Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais**. Ufrgs Editora, 2006.

GONÇALVES, Karen Cristine Mendonça, Anderson Alves Santos, and Sâmara Borges Macedo. "Análise da rotatividade de funcionários no setor de confecção e confecção em Formiga–MG: um estudo de caso." **Trabalho de Conclusão de Curso, IFMG Campus Formiga (2017)**.

JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 1999.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo social**, v. 30, p. 77-104, 2018.

LIMA, Jacob Carlos; BEZERRA, Maria José. Trabalho flexível e o novo informal. **Caderno CRH**, v. 15, n. 37, 2002.

LIMA, Jacob Carlos. A terceirização e os trabalhadores: revisitando algumas questões. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 1, p. 17-26, 2010.

_____ Globalização da precariedade: a informalidade em tempos de trabalho flexível." **Retratos do trabalho no Brasil**. Uberlândia, Edufu (2009): 37-62.

_____ As artimanhas da flexibilização: o trabalho em cooperativas de produção industrial. São Paulo: **Terceira Margem**, 2002.

Leite, Marcia de Paula, Sandra Roberta Alves Silva, and Pilar Carvalho Guimarães. "O Trabalho na confecção em São Paulo: as novas formas da precariedade." **Caderno CRH** 30.79 (2017): 51-67.

_____ Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo." *Trabalho, educação e saúde* 2.1 (2004): 57-94

FERRON, Wanda Maleronka; FERLINI, Vera Lucia Amaral. Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (sao paulo-1920-1950). 1996.

MARTINELLI, Samant Elise. "As costureiras do MEI: uma análise do trabalho subcontratado das facções do pólo regional de confecções de Maringá -PR.

DAL ROSSO, Sadi. **O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a sua teoria do valor**. Boitempo Editorial, 2017.

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc; SANTOS, Rui. **Manual de investigação em ciências sociais**. 1992.

APÊNDICE I – PERGUNTAS DE ENTREVISTA

1. Como que você trabalha atualmente?
2. Conte um pouco a sua trajetória até se iniciar na costura
3. Como quantos anos aprendeu a costurar? Como foi seu processo de aprendizagem?
Com quem aprendeu?
4. Foi difícil de aprender? Em relação a fabricação de biquínis qual é a maior dificuldade?
Quem te ensinou as especificidades deste trabalho?
5. Como decidiu trabalhar com costura?
6. Qual foi o seu percurso de trabalho durante a sua vida? (Quais trabalhos você já teve)
7. Descreva as atividades de costura dentro da fábrica. Porque você está nesta função?
8. Você gosta desta tarefa ou preferiria fazer outra?
9. O que mais é exigido da tarefa que você exerce?
10. Você considera um trabalho difícil de fazer?
11. como é a relação de tempo de trabalho? Você tem um tempo para fazer uma quantidade de peças?
12. Existe cobranças? Premiações? Algum tipo de motivação, valorização.
13. como é a relação com a gerencia da fábrica?
14. Você faz hora extra?
15. Como é contabilizado o seu salário com relação a costura?
16. Existe mais pessoas que trabalha com você?
17. Você trabalha apenas com a costura ou realiza outras atividades de trabalho?
18. Como foi ficou o seu trabalho durante a pandemia?
19. Em quantas fábricas você já trabalhou?
20. Você prefere trabalhar com carteira assinada? Já trabalhou em facções?
21. É fácil conseguir trabalho aqui na cidade

22. Para você quão a diferença entre trabalhar com carteira assinada ou nas facções.

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Sua instituição está sendo convidada a participar da pesquisa Entre Linhas, Fios, Agulhas e Tecidos: Tecendo um estudo de caso sobre as relações sociais e de mercado do micro polo de costura da cidade de Ervália – MG, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. Luciano Costa Rodrigues, do Departamento de Extensão Rural, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se entender como se estruturam o mercado de trabalho e as relações sociais do micro polo de costura da cidade, haja visto a ausência de estudos sobre este fenômeno social, as fábricas, existente na cidade e seus impactos na economia local como geradoras de trabalho. Sua participação consistirá em responder questões de entrevista semiestruturada, que será gravada e transcrita posteriormente para a análise dos dados. A sua participação será benéfica porque nos auxiliará no entendimento de como o trabalho de costurar, na cidade, está inserido em relação ao mundo do trabalho contemporâneo. Toda pesquisa com seres humanos apresenta riscos, mas para minimizá-los trocaremos seu nome por outro, fictício e somente utilizaremos os dados dos(as) entrevistados(as) que assinarem ao termo. Para preservar sua identidade, seu nome e contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos nomes fictícios. Os riscos potenciais de sua participação na pesquisa são o cansaço ou constrangimento diante de alguma pergunta. Nesse sentido o pesquisador estará atento a qualquer desconforto e você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. É importante que você saiba que sua participação é totalmente voluntária e, como tal, não prevê qualquer tipo de remuneração nem custo. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. Você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento antes de sua conclusão, inclusive durante a realização das entrevistas e, mesmo após ter assinado esse termo, sem qualquer prejuízo. Como responsáveis legais por esta pesquisa, nos comprometemos a manter sigilo de todos os seus dados pessoais, em todas as etapas desta. Dois anos após o término da pesquisa os áudios no gravador serão excluídos. Informamos que você tem direito à indenização, caso sofra algum prejuízo físico ou moral decorrente desse projeto e que nos comprometemos a acompanhá-lo (a) durante as fases da pesquisa e posteriormente. Esse documento será assinado em duas vias iguais e você ficará com uma que também contém o endereço e o telefone dos pesquisadores responsáveis, tendo a liberdade para tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora em qualquer momento. A entrevista ocorrerá em seu local de preferência e terá duração máxima de 30 minutos

Prof. Dr. Luciano Rodrigues
Pesquisador Responsável
Lrcosta00@gmail.com

Ana Paula Teixeira
Estudante Bolsista
ana.teixeira6@ufv.br

Eu, _____, aceito participar da pesquisa: Entre Linhas, Fios, Agulhas e Tecidos: Tecendo um estudo de caso sobre as relações sociais e de mercado do micro polo de costura da cidade de Ervália – MG e declaro que fui devidamente informado sobre minha participação na mesma

Assinatura

Esta pesquisa teve os aspectos relativos à Ética da Pesquisa envolvendo Seres Humanos analisados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Viçosa. Em caso de dúvidas sobre a ética desta pesquisa ou denúncias de abuso, procure o CEP, que fica no Edifício Arthur Bernardes, subsolo Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário - Viçosa/MG. CEP: 36570-900 Fone (31) 3899-2492. Email: cep@ufv.br. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, de 8h às 12h e de 13h30 às 17h.